

Fernando Martínez Heredia: Revolução vs. Estalinismo

a Marcos Paz, porque é amigo e camarada, e porque esteve na noite de 27 de novembro e no domingo de La Tángana.

Em 12 de junho, Fernando Martínez Heredia completou quatro anos de falecimento. Os atuais cenários sócio-políticos e econômicos que vivemos hoje em Cuba eram quase impensáveis em 2017. Tanto na noite de 27 de novembro em frente ao Ministério da Cultura com o correspondente amanhecer do dia 28, o ressurgimento da censura junto com o retorno dos comícios de repúdio, passando pela Tarea Ordenamiento, como a grave crise econômica atual, só superada pelo Período Especial – para não mencionar esta pandemia anteriormente vista apenas nos filmes de ficção científica -, são situações que, quando Fernando Martínez Heredia era vivo, não estavam na lista dos prováveis futuros cubanos. Talvez, a coisa mais próxima teria sido a Tarea Ordenamiento, mas ele não teria imaginado o amplo corte de “gratificações” que ela implicava.

O que Fernando Martínez Heredia teria feito diante de todos esses cenários? Embora haja sempre espaço para especulações, aqueles de nós que o conheceram estão certos de que na noite de 27 de novembro, ele teria entrado no Ministério da Cultura com Fernando Pérez para mediar nas conversas com Rojas, e os resultados teriam sido diferentes. Fernando, o cineasta, soube fazer muito bem, mas dois Fernandos na mesma equipe conseguiram mais de um.

Sobre Fernando, fundador da revista Pensamiento Crítico, pairava a atração do intelectual revolucionário censurado – um golpe que ele recebeu de maneira forte e em várias ocasiões -; mas também estava presente a dignidade lúcida de quem sabia separar as águas, reconhecendo onde o estalinismo começou e onde o projeto revolucionário socialista começou. Fernando

conhecia o peso de seu capital político e social e o concentrava no diálogo com os jovens: como mais um. Bem ao contrário do paternalismo do burocrata que durante seu tempo livre dá “conselhos” às organizações juvenis e termina dizendo “é um prazer falar com você, mas tenho uma reunião esperando por mim. Continue sendo o exemplo e a continuidade!”.

Na noite de 27 de novembro, Fernando teria falado alto aos que estavam sentados em frente ao Ministério da Cultura, conversado com eles e cantado o hino nacional, com seu braço sobre o ombro de seu amigo e companheiro de causa, Julio César Guanche. Esta é uma certeza que não só muitos revolucionários têm, mas também os censores, bem como os aspirantes a censores. Eles sabem qual teria sido a posição de Fernando naquela noite e querem esconder isso. Fernando não teria concordado com muitas das posições políticas presentes na noite de 27 de novembro, mas teria estado com os jovens que tomaram de assalto o sossego ministerial.

Hoje é necessário voltar sempre à noite de 27 de novembro e banir a ideia repetida pelos censores de que a concentração em frente ao Ministério da Cultura foi resultado de manipulação de direita. Isto não só é falso, como também é um grave erro político, pois está dando à direita a bela noite de 27 de novembro.

Os últimos anos de vida de Fernando foram abertamente críticos da forma como as relações entre Cuba e os Estados Unidos estavam sendo tratadas, advertindo que o imperialismo continuaria a ser imperialismo e que estávamos sendo ingênuos. Esses foram os momentos em que muitos de nós confiamos nas boas intenções de Obama. Pensamos mesmo que, apesar de uma possível mudança de administração na Casa Branca, as relações entre Havana e Washington iriam continuar.

Não foi difícil estar errado dessa maneira. Após a retomada das relações entre os dois países, a economia cubana havia crescido visivelmente. O setor privado emergente – a

burguesia, um termo que muitos temem – estava se expandindo fortemente, não apenas economicamente, mas também culturalmente. Com isso, todo um estilo de vida pequeno-burguês começou a tomar conta de Havana, que com seu “charme discreto” varreu o gosto estatista monótono, mas ao mesmo tempo implantou a admiração pela burguesia e a idealização da Cuba pré-1959. Mas o principal erro do momento foi a política oficial de apresentar os Estados Unidos como um novo amigo, quando na verdade deveria sempre ter sido tratado como um parceiro comercial.

A única homenagem a Fernando que eu presenciei foi seu funeral. É difícil ir a um lugar onde se fala de uma pessoa próxima como se fosse um deus e ver quantos, que se distanciaram dele em vida, agora se apresentam como seus fiéis seguidores. Gostaria que eles tivessem se tornado seus seguidores, mas a prática, de antes e agora, mostra o oposto. Eles tentaram purificar Fernando, usá-lo como uma ferramenta para rebaixar intelectuais honestos, enclausurá-lo em discursos e limitá-lo a anedotas dos anos sessenta. Seu confronto com o dogmatismo e seu constante aviso de que, como ele costumava dizer, a “mão peluda do estalinismo” poderia voltar, estão sendo deliberadamente esquecidos.

Nunca vi em Fernando um comandante-chefe, mas sim um velho amigo com quem não só resolvi questões políticas, mas também confidenciei alguns problemas pessoais. Em uma ocasião, Fernando me disse algo que ele costumava usar para incentivar, ou para repreender. Naquela época a frase veio com ambas as intenções: “Criança, que a pátria se orgulhe de você! Ao que eu respondi: “Fernando, e quando terei orgulho do meu país? Não me lembro de sua resposta, mas tenho certeza de que ele não se calou.

Hoje temos que carregar as duas ideias ao mesmo tempo: conseguir com nossas ações que a pátria nos contempla com orgulho e nos perguntar se, nas condições atuais, podemos ter orgulho da pátria; que ao mesmo tempo, é ter orgulho – ou não

– de nossas ações.

Fernando não é um semideus inquestionável, nem de seus livros sairão as respostas para o que fazer nesta crise única que Cuba está atravessando. Vê-lo dessa maneira é traí-lo. A melhor homenagem que poderíamos prestar a Fernando Martinez Heredia é, a partir do marxismo, questionar tudo. Ao que acrescento a frase do jovem intelectual cubano Verde Gil: “toda unanimidade é suspeita”.